

SER OU NÃO SER? OS GAYS EM QUESTÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA DAS GÍRIAS UTILIZADAS PELOS HOMOSSEXUAIS DE BELÉM-PA¹

Mílton Ribeiro da Silva Filho
Sandra Pereira Palheta

Universidade Federal do Pará

RESUMO: *Estudo da construção da identidade gay através da análise das gírias amplamente utilizadas pelos homossexuais: o bajubá. Formulou-se o trabalho a partir de entrevistas não estruturadas e observação participante a fim de acompanhar a dinâmica dos grupos gays, sua forma de sociabilidade e a utilização do bajubá. O estabelecimento da conexão entre as referências simbólicas e a realidade gay foi o ponto de partida para construção teórica do trabalho, pois a partir desta relação constatou-se que as gírias fazem parte do rito de passagem para inclusão no “universo gay”; além do relacionamento entre a criação das mesmas e a inserção de alguns componentes lingüísticos dos ritos afro-brasileiros. As gírias demonstram a marginalização que se propõem os que delas tomam partido, entretanto, elas passam a fazer parte do cotidiano heteronormativo; sendo que os formuladores de tais gírias modificam dialeticamente o contexto quando isso acontece. Os resultados da inserção a campo dimensionam quanto o grupo ainda é mantido à margem da sociedade belenense, mesmo com políticas públicas e manifestações de ações afirmativas que possibilitariam um maior reconhecimento por parte do mundo heterossexual.*

Palavras-chave: *Identidade. Homossexualidade. Gírias.*

INTRODUÇÃO

Durante o século XX os movimentos sexuais ajudaram na luta sociopolítica pela liberdade sexual. Encontram-se presente, neste contexto, o movimento feminista, o movimento negro, o movimento gay, entre outros, pretendem emancipar as ditas minorias do julgo masculino/branco/heterossexual.

O movimento homossexual nasce no cenário mundial para acentuar o caráter da homoafinidade/homossexualidade como experiência subjetiva, com suas formas particulares de significados e representações; numa sociedade em que prevalece a heteronormatividade como conduta a ser seguida.

A socialização nos centros urbanos permite que diversos agrupamentos compartilhem suas práticas e viveres, que estudadas a partir do estabelecimento de uma comunicação verbal apresentada em seu seio, principalmente entre os homossexuais, estabelece referências ímpares para o desenvolvimento deste trabalho.

Dentro dessa lógica pautadamente heterossexista os indivíduos que demonstram condutas homossexuais acabam por serem segregados e passam a ficar à margem dos

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

processos decisórios do meio político-social, devido ao estigma social, que lhes é atribuído: os indivíduos GLTTB acabam sendo incluídos neste ciclo de estigmatizações, pois são educados a partir de uma conduta heterossexual e ficam sujeitos aos confrontos de âmbito social e pessoal ao terem sua orientação sexual contestada pela sociedade. Desses conflitos nascem às formas de identificação perante o meio social e o confronto com o mundo heteronormativo, haja vista as piadas machistas e sexistas que o indivíduo GLTTB ouve durante sua trajetória pessoal de vida. Como resultado desse atrito, os mesmos insurgem-se como sujeitos de ação: na criação de movimentos organizados, com o qual possam militar em busca de políticas públicas.

Numa consulta ao mini-dicionário Aurélio a definição de “gíria” aparece em sua segunda acepção como: linguagem que, nascida em certo grupo social, termina estendendo-se à linguagem familiar. E é a partir dessa concepção do que venha a ser “gíria” que vamos desenvolver este trabalho, mesclando-a com a maneira como os homossexuais encaram, vivenciam e concebem a palavra.

Na etnografia realizada na cidade de Belém a gíria utilizada pelos homossexuais serve para identificá-los enquanto “atores sociais” nesta que pautada pela mentalidade heteronormatizadora, discrimina e segrega as minorias de gênero. Entretanto, alguns termos do *bajubá*² postos adiante servirão para distinguir os indivíduos GLTTB dos que não fazem parte do mundo homossexual, ou seja, a maioria heterossexual. E neste universo marcado pelo simbolismo, principalmente no tocante à sexualidade, as gírias mostram-se como fator determinante na diferenciação entre gays e “não-gays”.

Este trabalho traçou como objetivo geral a compreensão de como os homossexuais estabelecem uma conexão entre as referências simbólicas, neste caso o *bajubá*, e sua experiência. E dentro das especificidades, analisamos: as representações simbólicas; ilustrou algumas das gírias usadas pelos gays de Belém; e identificou se o uso do *bajubá* faz parte do rito de passagem estabelecido entre os homossexuais de Belém.

O conhecimento e domínio dos símbolos urbanos, no âmbito da linguagem e da língua brasileira, fazem com que as gírias tornem-se familiares a diversas camadas da sociedade. Atribuídas e consideradas elemento dos agrupamentos urbanos, geralmente compostos por jovens e adolescentes, elas podem aglutinar uma série de elementos fonéticos e semânticos, e possibilitar a sociabilidade entre os que detêm seu domínio. As gírias servem como referência identificadora dos homossexuais em Belém?

² Nome que os homossexuais dão as gírias por eles utilizadas, incluindo nela não somente as palavras, mas todo um jogo corporal que permite o entendimento mais apurado dos termos do *bajubá*.

De forma a responder essa problemática, foi utilizado como metodologia deste trabalho, a pesquisa bibliográfica, que auxiliou na construção teórica, e o trabalho de campo, considerando como parte empírica elaborada a partir de: observação direta/participativa e entrevistas não-estruturadas. Em sua fase de elaboração o projeto de pesquisa foi constituído de 4 fases: levantamento bibliográfico e construção do referencial teórico; *survey* para determinar a entrada em campo; constituição das entrevistas semi-estruturadas e observação direta/participativa; e organização e confrontação dos dados coletados, haja vista o período de 6 meses, de abril a outubro de 2007, para redação do relatório final.

Este *modus operandi* foi de substancial importância para a construção do mesmo, uma vez que a plasticidade do grupo estudado e sua frequência em ambientes de sociabilidade em Belém são amplas. O trabalho de campo aconteceu em lugares como bares, praças, shopping center e na residência de um dos entrevistados, contando com a colaboração de pessoas assumidamente homossexuais indicadas por amigos e outras abordadas pelos pesquisadores quando da verificação pelos mesmos do uso do *bajubá* em conversar daqueles com terceiros. Essas inserções em campo deram-se de forma sistêmica durante um período de 6 meses, pois o presente trabalho nasceu a partir de um projeto de pesquisa apresentado pelos pesquisadores para a Prof^a. Dr^a. Andréa Chaves como parte na obtenção de conceito na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa Aplicadas às Ciências Sociais 2, época em que os discentes cursavam o 5º semestre do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará.

A fundamentação teórica da pesquisa bibliográfica, com sua conseqüente transposição para campo, teve como ponto de partida as questões relativas à identidade e gênero, com ênfase na elaboração de um quadro com as tipologias e significados das gírias utilizadas pelos gays de Belém-PA.

A ENTRADA NUM CAMPO DIFERENTE E A DESCOBERTA DO *BAJUBÁ*

A antropologia nos ajuda a pensar de que maneira as pessoas GLTTB's relacionam a linguagem do *bajubá* com sua construção identitária. A linguagem singular que emerge desse agrupamento social nos faz pensar na contribuição que o presente trabalho trará na luta sócio-política engendrada por esse grupo heterogêneo que conforta em sua bandeira indivíduos tão diversos entre si quanto às formas que eles possuem de usarem o *bajubá*, ao ajudar no entendimento sobre a identidade homossexual.

Portanto, ao fazerem análise dos mapas sociais, os cientistas sociais, devem perceber que os mesmos formam uma teia complexa de simbologias e significados e que na Antropologia Social os fatos sociais devem ser buscados, comparados, integrados, e totalizados insistentemente para que se sustentem os procedimentos da ciência em questão (BRANDÃO, 1986, p. 46). O presente trabalho fez uso do estudo da sociedade como um sistema de símbolos e significados: para que possa desvendar a formação e manutenção da comunidade gay em questão, como elementos das representações sociais.

O estranhamento com que o movimento homossexual de Belém teve que ser tratado, neste trabalho, foi de suma importância para construir-se teoricamente o mesmo, pois alguns termos do *bajubá* passaram a fazer parte do “mundo hetero” e são utilizadas como se não tivessem nascido no “mundo homo”. E estudar as gírias urbanas, na cidade, exigiu um imenso esforço teórico-metodológico, pois afastar-se do que faz parte do dia-a-dia exige um intenso trabalho, pois

um dos traços mais marcantes da formação do antropólogo é a experiência do trabalho de campo, rito de iniciação indispensável para ser aceito na comunidade acadêmica. Durante este período de tempo, o candidato a antropólogo deveria separar-se do mundo [...] e viver com o grupo pesquisado, procurando compreender sua língua, suas formas de organização econômica, social e política, seu sistema de representações, etc. (OLIVEN, 2007, p. 13)

Para Clifford Geertz (1980) o “homem é um animal que consegue fabricar ferramentas, falar e criar símbolos”, no caso do presente trabalho, a gíria aparece como ferramenta de identificação do gay no meio social, pois “ele converte-se agora, já não só no produtor de cultura, mas também [...], no seu produto” (GEERTZ, 1980, p. 28). Segundo o autor o homem assume uma capacidade de criação e utilização simbólica inerente: teoria que servirá para compreensão do que venha a ser símbolo para o entendimento humano.

O *bajubá* para os gays assume um caráter simbólico, uma vez que tem como objetivo a maneira de demonstrar-se, de assumir sua condição de homossexual, de vender-se³ para os outros, de possibilitar uma possível troca simbólica (BOURDIEU, 2002). Ou “de proteger [...] em determinadas situações de perigo, [...] ou quando iriam fazer alguma coisa” (SOUZA, 1998, p. 231). Como corroborou um dos entrevistados: “É frescura, é uma maneira de se destacar!” e, ainda, “[a gente] fala [as gírias] *pras* ‘mapôs’ (mulheres) não entenderem”.

³ Nessa economia de trocas simbólicas (cf. BOURDIEU, 2002).

A maneira organizacional dos grupos gays remete-nos a idéia de *communitas*, que Roberto DaMatta (1997b) nos referencia, uma vez que não existe uma estratificação entre os homossexuais, como podê-se evidenciar através de observação. Porém, numa tentativa de se criar uma hierarquia, à medida que não existem gays “menos gays” que outros, eles classificam-se de muitas maneiras, algumas das quais dispostas no quadro abaixo.

TIPOS	RELACIONADAS COM
FINAS	Espertas e/ou Ladras.
LHEGUE-LHEGUE	Variação das “quá-quás”.
PÃO-COM-OVO	Homossexual pobre; Diz-se das bibitas que não tem condições financeiras para comer na rua e levam um pão com ovo para comer na condução, na viagem de volta para casa depois da balada; Refere-se àquela bicha de moral baixa, sem escrúpulos nem dignidade e com lapsos de caráter. ⁴
PINTOSA	Que a com trejeitos femininos.
QUÁ-QUÁ	Faladeiras e/ou que contam muito “bafo”.
TRUCADAS OU BOY	Que agem de forma masculinizada.

Quadro 1 – As variações de bichas

Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

Este sistema classificatório serve para demonstrar a “forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais” (BOURDIEU, 2007), haja vista necessidade dupla de se auto-afirmação: a primeira ante si mesmo e a segunda perante o grupo.

No trabalho de campo verificou-se certo desconforto, *a priori*, quando da abordagem especificamente sobre gírias. Primeiro porque se compreende que as mesmas fazem parte de um contexto marginalizado (construção negativa), ou seja, são usadas por bandidos e malandros; segundo porque a comunidade homossexual não dissocia suas falas estruturadas, a partir de gírias, com a da linguagem usada pelo resto da sociedade; e terceiro porque as gírias gays possuem um nome, o *bajubá*.

Quando da leitura de um pequeno artigo em revista de circulação nacional (cf. CORDEIRO, 2007, p. 36) onde se pretendia associar aos gays um sotaque próprio, com pronuncia de fonemas de maneira distinta dos heterossexuais, encaramos a questão a partir da análise de que os mesmos não possuem um sotaque próprio, mas uma gíria própria, identificada e decodificada somente por quem faz parte do “universo gay”. Porém, é

⁴ Substantivo feminino utilizado de forma pejorativa (cf. ÂNGELO, 2007), recentemente serviu de referência em matéria da Revista Junior; publicação direcionada para o público GLTTB.

necessário ressaltar que durante a pesquisa de campo encontramos entre os seis pesquisados somente um que dizia não utilizar o *bajubá*, por achar que sua utilização depreciava a imagem homossexual, no entanto ele reconhecia uma grande variedade de termos do *bajubá*, contribuindo, também, para confecção dos quadros do presente artigo.

O uso do *bajubá* entre os homossexuais adquire um quê de rito de passagem, momento de modificação dos papéis sociais (DAMATTA, 1997b), onde o mesmo passa de um universo pautado pela heteronormatividade e adentra no “seu” universo, o da homonormatividade. Um dos entrevistados, quando perguntado se utilizava o *bajubá* antes de assumir sua homossexualidade e se o utiliza, mesmo depois de assumido, em todos os âmbitos de sua vida, ressalta o caráter discriminatório com que ainda é tratado e ainda se trata:

usava, mas em casa era “boy”, o homem! [...] Na minha família não, até porque eu tenho respeito e não uso. Quando eu tô na casa da minha tia eu *fresco*, mas quando eu tô na casa da minha mãe, em “Ananindeua City” é normal, eu ajo normal [...] (Cláudio⁵, 26 anos).

Notou-se que as gírias, ou *bajubá*, serve como elemento de separação entre o âmbito da rua (público) e da casa (privado), pois na rua o entrevistado sente-se livre para exercer a sua identidade gay, enquanto que na casa, principalmente de sua mãe, ele age de forma “normal”, ou seja, pautado em critérios heteronormativos (DAMATTA, 1997a). Como afirmação nota-se que o entrevistado, evidencia o fato, pois “fresca”, ou seja, age conforme sua condição sexual, quando está na casa da tia, residência que embora pertença ao âmbito familiar – de casa – neste caso adquire ares de âmbito público – de rua.

Quando solicitamos aos entrevistados falarem sobre a maneira como eles eram tratados no trabalho, Cláudio foi quem demonstrou maior ênfase ao falar que no trabalho procura não demonstrar muito que é homossexual, por sentir que poderá ser discriminado pelos clientes (ele trabalha em uma sorveteria), entretanto seus colegas de trabalho sabem de sua homossexualidade e, pelo relato do entrevistado, aceitam-no de forma plena.

O BAJUBÁ AJUDANDO A CONSTRUIR UMA IDENTIDADE GAY?

⁵ Os nomes verdadeiros dos entrevistados foram alterados neste artigo.

O processo de construção da identidade faz-se necessário, como maneira de inserção dos elementos estudados no contexto da sociedade belenense, pois é a partir da maneira como os entrevistados perceberam-se, dentro do contexto social, é que se identificaram enquanto membros da comunidade gay. Portanto, nos dizeres de Zilá Bernd (1992, p. 13-14):

as literaturas dos grupos discriminados – negros, mulheres, homossexuais – funcionam como elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de auto-afirmação das comunidades [...] o essencial destas literaturas é precisamente sua força de resgatar as formas onde subsistem as culturas de resistência, matéria-prima da identidade cultural.

Neste trabalho o *bajubá* apareceu como um dos elementos essenciais na construção da identidade gay, pois ao utilizá-lo o homossexual consegue socializar-se quase que de forma integral. E “hoje vários termos do *bajubá* são muito utilizados entre os homossexuais de uma forma geral e entre várias pessoas que convivem no meio” (SOUZA, 1998, p. 231). E mesmo que não seja gay, quem os utiliza passa a fazer parte do “mundo gay” ou passa a ser referência, pelo menos no aspecto comercial, visto que é encarado como “S” na sigla que corresponde ao mercado homossexual, o famigerado GLS, ou seja, passa a ser simpatizante da causa (SANTOS, 2005).

No entanto, o movimento homossexual no Brasil relaciona a sigla GLS apenas ao mercado consumidor que os homossexuais representam e acrescentam os “T’s” (de Travestis, Transexuais e Transgêneros), “L” (de Lésbicas) e “B” (de Bissexuais) à sigla, em detrimento do “S”, e formam combinações que variam de acordo com a ênfase dada pelos vários grupos atuantes no país, como: GLTTB, GLTTTB, LGTTB...

O *bajubá* toma forma nas expressões criadas pelos homossexuais a partir de sua inserção nos ritos afro-brasileiros, pois alguns sustentam e começam o processo de construção identitária quando se tornam adeptos dos cultos afros. Peter Fry (1982) em sua pesquisa de campo em Belém, na década de 80, notou a frequência com que os homossexuais se aproximavam e participavam dos rituais do candomblé e umbanda.

Contudo, isso nos leva a crer que a aproximação dos homossexuais como esses cultos religiosos propiciam o conhecimento de algumas expressões das línguas de matrizes africanas das quais se apropriam, transformando-as, e divulgando-as para o resto da comunidade. Considerando que outros termos nasçam de línguas distintas da africana, como a francesa, nos faz supor que os homossexuais, também, entrem em contato com travestis ou

gays que vão tentar a vida em outros países, ajudando, também, na composição do *bajubá*. Porém, algumas das palavras, também, são criadas sem nenhuma relação lingüística. Obtivemos alguns termos e expressões do *bajubá* vigente em Belém, para efeito de análise.

SIGNIFICANTES	SIGNIFICADOS
A TIA	AIDS; estar com a doença.
ALCANHA	Pênis, mas fala-se principalmente quando da relação sexual.
ALIBÃ	Policial.
AQÜÉ	Dinheiro.
AQÜENDAR	Olhar; verificar; pegar.
AQÜENDAR A LÉURI	Fumar maconha.
AZUELAR	Roubar.
BABADO	Fofoca ou pode significar algum acontecimento.
BAFON ou BAFO	Acontecimento; algo muito importante.
BOFE	Homem bonito.
BOLA-GATO	Diz-se do sexo oral, pois no inglês as palavras <i>ball-cat</i> fazem referência à palavra boquete, que é o ato de fêlar.
BORDAR A NENA	Quando na relação sexual o “passivo” defeca no pênis do companheiro.
BARROCA(O)	Velha(o).
BOY	O que age como homem.
CATAR	Pegar uma conversar no “ar”.
DAR A ELZA	Ato de roubar.
DESERDAR A NENA	Evacuar.
DESERDAR O LÍRIO	Mijar.
DESERDAR O AR	Soltar flatulências.
EJÉ	Sangue.
EQUÊ	Mentira.
ERÊ	Criança.
FAZER A CHUCA	Aplicar no canal retal uma “lavagem” para que o “passivo” não venha “bordar” o companheiro.
FRESCAR	Agir de modo exibicionista; agir de modo “gay”.
FRITAR	Divertir-se; agitar-se.
GAY DE BUCETA	Mulher que assume trejeitos gays e que fala, inclusive, o <i>bajubá</i> .

GRAVAR	Felar.
GÜANTO	Preservativo.
HORRORES	Aumentativo de algo; muito; bastante.
ILÊ	Casa.
LÍRIO MIMOSO	Flatulências.
MALA	Pênis; volume que o mesmo faz nas roupas íntimas.
MAPÔ	Mulher.
MAPODRE	Mulher (forma pejorativa).
MATÍ	Pequeno.
MONA	Bicha.
OCÓ	Homem.
ODARA	Grande.
OTIM	Bebida alcoólica.
PANTIM	Mania ou frescura.
PASSAR O CHEQUE	O mesmo que “bordar a nena”.
PENCAS	Muito; bastante.
PINÇA	Ser ativo na relação sexual.
QÜALIRA	Gay; viado; bicha (usado no Maranhão).
QUETRU	É o truque, invertendo-se as sílabas; fala-se para que os “heteros” não entendam.
TRUQUE	Disfarçar; pode significar, também, montagem; arrumar-se.

Quadro 2 – Decifrando o *bajubá*

Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

Além do *bajubá*, existe uma série de palavras e sufixos que, quando acrescentados em diversas expressões e/ou palavras, servem para rearranjá-las ou coloca-las no contexto próprio do *bajubá*. Serve de forma a quem estiver de “fora” não perceber o nível e/ou assunto da conversa. Como exemplo tem-se a palavra “estilo” que significa: fazer tipo (inicia-se uma conversa com a expressão para dar sustentação ao desenrolar da estória. Ex.: “Estilo mavéssime...”. Que quer dizer: “Fulana ali é nojenta...”). Expressão muito usada no MSN Messenger, mas com acréscimo da letra “w”, que neste caso acabaria por escrever-se “estilow” para dar a falsa impressão de estar falando com a outra pessoa, e também, para dar ênfase nos trejeitos do *bajubá*. Como exemplo, temos um quadro com os sufixos mais usados e outro com as expressões derivadas desses sufixos.

SUFIXOS	SIGNIFICADOS
ÉLDRIME	Geralmente utilizado depois de palavras relacionadas a pessoas, objetos e afins.
ÉLSSIME	Geralmente utilizado quando se quer tornar negativa alguma palavra.
AISSIME	Geralmente utilizado para dar ênfase aos advérbios, principalmente os de lugar.

Quadro 3 – Os sufixos do *bajubá*

Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

SIGNIFICANTES	SIGNIFICADOS
ACAISSIME	A pessoa que está ao lado.
AFACESSIME	A pessoa que está em frente.
ALAISSIME	A pessoa que vai indo.
ATRAISSIME	A pessoa que está atrás.
MAVÉLSSIME	Pessoa insuportável.
CARMIGUI	A pessoa que está em frente.
MAPLÊISSE	Mulher.

Quadro 4 – Derivações dos sufixos do *bajubá*

Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

Esses termos ganham formas variadas, dependendo das permutações que são feitas nas expressões. Podendo, ora comunicar risco, ora comunicar algum acontecimento passado ou recente que possa interessar o ouvinte, ou não. De forma dialética as expressões são modificadas e reconstruídas, considerando, também, a identidade como um processo em curso, de maneira que para àquele que não possui conhecimento do *bajubá* fica inviável “catar” alguma conversa. Criando espaço para um tipo de interação simbólica restrita somente aos homossexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho de campo ocorreu de maneira inesperada, pois a partir das entrevistas e observações constatávamos o quão dialético e mutante é o uso do *bajubá* na prática. O dialetismo fica por conta das inúmeras maneiras como uma mesma

palavra é usada, como por exemplo, na expressão “vou te contar um *bafon*”, que tanto pode ser o relato de algo que acontecera recentemente, como pode expressar uma situação de encrenca, ao ser dito: “comigo não tem *bafon*!”.

Em campo contrastava a forma como éramos tratados pelos entrevistados, pois em antropologia disseminou-se a idéia de que o pesquisador deve se manter afastado de seu objeto de estudo, possibilitando a almejada “objetividade”, principalmente, no tocante as entrevistas e observações, onde é de praxe o entrevistador agir como o “cavalo” da umbanda, que fica de maneira semi-estática, “recebendo” (ouvindo) o entrevistado, para conseqüente anotação em caderno de campo.

Porém neste trabalho aconteceu algo surpreendente, a medida em que nós nos comportávamos de forma conciliadora com os entrevistados, rindo, algumas vezes, das expressões usadas pelos mesmos e da forma como eles interagiam conosco, possibilitou o envolvimento cada vez mais profundo no assunto e abriu caminho para entrarmos em assuntos tabus, como a saída do armário. As risadas aqui colocadas não eram interpretadas pelos mesmos de forma jocosa ou pejorativa, mas de maneira interativa, pois como disse um dos entrevistados: “se eu sair na rua e ninguém mexer comigo, eu volto e mudo de roupa na mesma hora”.

As inúmeras palavras que fazem parte do *bajubá* encontram raízes nas línguas de matriz africana, pois o contato dos gays com os diferentes cultos afros presentes no território brasileiro (candomblé e umbanda) possibilita essa troca, como no caso das palavras: “erê”, “aquê”, “ejé”, “otim”, “odara”, etc. No entanto, há palavras que encontram suas raízes nas línguas de origem latina, como é o caso da palavra “bafon”, usada no *bajubá*, que pertence à língua francesa e remete a algo diferente, pois são acrescentadas as letras “s” e “d” (portanto, escreve-se “*bas fond*”) e pode significar plebe, ralé, classe baixa.

O uso freqüente do *bajubá* cria uma rede de troca simbólica, pois na medida em que a fala flui e se agregam vocábulos durante a trajetória pessoal, existe a possibilidade de manter relações de troca (BOURDIEU, 2002). As conversas e a filiação em grupo de discussão ou de militância política, compostos de gays, lésbicas e transtêneros da cidade ou do país possibilita o conhecimento regional de termos do *bajubá*. Esse capital simbólico é, mantido e aperfeiçoado, a partir da relação com gays mais experientes (ou mais “vividos”, como declarou um dos entrevistados), a quem chamam de “madrinha” (e estas retribuem chamando-os de “filhinhos”), de quem chegam até mesmo a tomar a bênção, numa alusão clara aos ritos católicos.

Os homossexuais são evidenciados a partir da relação indivíduo/grupo, uma vez que estes necessitam passar por rituais estruturados a partir do coletivo. As gírias ou *bajubá*

foram analisadas neste trabalho como fator primordial na fundamentação do construto identitário homossexual, pois elas são usadas como parte do elemento performático gay: incluindo o falante no universo totalizante dos gays.

Mesmo o *bajubá* sendo utilizado com maior frequência pelo “mundo heterossexual”, que poderia ser entendido como uma quebra na resistência, mas ainda percebemos a forma discriminatória e sarcástica com que grande parte dos homossexuais continua a ser tratados: por meio de piadas, de olhares e do uso do *bajubá* como forma de depreciar a imagem homossexual; que muitas vezes são humilhados por delas serem alvos.

Reagindo a isso, os gays reinventam a linguagem cotidiana, interpolando gírias urbanas, e transformado-as de maneira dialógica com seus opositores: criando o *bajubá*, por exemplo. A utilidade que as gírias ganham é de extrema importância para o grupo, pois ao mesmo tempo em que separa e marginaliza os gays, em contrapartida cria uma ampla rede de sociabilidade, e porque não dizer de solidariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, VITOR. Fundamento pão-com-ovo. **Revista Junior**. São Paulo, ano 1, n. 02, p. 98-101, nov. 2007.

BERND, Zilá. Identidade: origem, emprego e armadilhas do conceito. In: _____. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre. Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

_____. A dominação masculina. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os nomes sociais dos tipos de pessoas: a identidade. In: _____. **Identidade e Etnia – construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1986.

CORDEIRO, Tiago. Gay tem sotaque próprio? **Superinteressante**. São Paulo, ano 20, n. 236, p. 36, fev. 2007.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1997a.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1997b.

FRY, Peter. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros e Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1982.

GEERTZ, Clifford. Transição para a humanidade. In: _____. **O papel da cultura nas Ciências Sociais**. Porto Alegre. Editorial Villa Martha, 1980.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis. Editora Vozes, 2007.

SANTOS, Paulo Reis dos. Travestis, corpos ambíguos, gênero em cheque. In: **Sexualidades corporalidades e transexuais: narrativas fora de ordem – ST 16**. GEISH – GRUPO DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR DE SEXUALIDADE HUMANA da Faculdade de Educação da UNICAMP – Universidade de Campinas, 2005.

SOUZA, Izabela Jatene de. **“Tribos Urbanas”: Drag Queens – rainhas ou dragões?** 1998. 246 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.